Becker, Goffman e a Antropologia no Brasil

Gilberto Velho
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro

E-mail: gvelho@alternex.com.br

Resumo

O autor trata da influência das obras de E. Goffman e de Howard S. Becker na ciência social brasileira, particularmente no desenvolvimento da antropologia urbana. Comenta a sua experiência e contatos com a Escola de Chicago, com destaque para esses dois sociólogos, cujas visitas ao Brasil narra. Menciona os seus trabalhos publicados por editoras brasileiras e salienta a sua repercussão. Aponta, também, para algumas diferenças nas duas obras, dentro da tradição interacionista.

Palavras-chaves

Interacionismo, antropologia urbana e desvio.

Abstract

The author addresses the influence of the works of E. Goffman and Howard S. Becker on Brazilian social sciences, especially regarding the development of urban anthropology. He comments on his experience and contacts with the Chicago School, in particular with the two aforementioned sociologists, and describes their visits to Brazil. The author mentions the works they have published in Brazil and highlights their repercussion. He also points out some differences between the two works within the interactionalist tradition.

Keywords

Interactionalism, urban anthropology and deviance.

Becker, Goffman e a Antropologia no Brasil

Gilberto Velho

É necessário fazer comentários e observações de ordem pessoal neste trabalho pois, *certamente*, existe uma clara dimensão de relações interpessoais que explica, em parte, o assunto investigado. Embora trate-se de fenômeno mais generalizado e nada incomum, creio que será útil explicitar alguns fatos e circunstâncias inevitavelmente ligados à minha trajetória profissional e pessoal.

Filhos de imigrantes judeus, de origem relativamente modesta, Goffman e Becker ascenderam socialmente, através do trabalho intelectual e da vida acadêmica, atingindo grande prestígio e notoriedade. Depois de inícios de carreira em que enfrentaram embaraços e dificuldades de diversas naturezas, Goffman, canadense, e Becker, de Chicago, construíram trajetórias profissionais brilhantes e se tornaram figuras exponenciais da sua profissão, nos Estados Unidos e internacionalmente. Estudantes e colegas do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago no final dos anos 40, começo dos anos 50, tomaram rumos diferenciados, embora mantivessem sempre algum contato.

Os trabalhos de Goffman começam a ser mais conhecidos no Brasil em meados dos anos 60. A ciências sociais no país tinham, na época, como referências principais o marxismo e o estruturalismo, com as suas diferentes versões e facções. O nacionalismo antiimperialista e o próprio regime militar, com as radicalizações a ele associadas, não constituíam propriamente um estímulo à divulgação de autores norte-americanos, principalmente quando não ligados de modo nítido a uma preocupação de análise mais ampla de processos sócio-históricos. Isso correspondeu a uma conjuntura especialmente polarizada, pois na própria formação das ciências sociais no país houvera influência de autores e pesquisadores como Donald

Pierson, Emilio Willems, Charles Wagley, entre outros. Mas nos anos que se seguiram ao golpe de 1964, e mesmo no período que o precedeu imediatamente, houve uma forte tendência de rejeição à produção norte-americana, classificada de empiricista e pouco sofisticada. Uma exceção era C. Wright Mills, cuja obra, influenciada por Marx e Weber, apresentava forte componente crítico em relação à sociedade capitalista, particularmente aos próprios Estados Unidos (Mills 1956).

No entanto, já mais perto do final da década de 60, o crescente interesse por uma análise e política do cotidiano permite uma abertura maior em relação a estudos classificados, às vezes de forma um tanto pejorativa, como "micro". Esta mudança ocorre com a valorização de outros tipos de preocupações, tais como, significativamente, aquelas evidenciadas na obra de Michel Foucault (1961). É época da contracultura, de maio de 1968, de estilos de vida alternativos. É dentro deste quadro que passam a se interessar por Goffman sobretudo antropólogos e profissionais da área *psi*. Embora com um certo atraso, alguns de seus textos começam a ser publicados. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana* (1959, 1975),[1] *Manicômios, Prisões e Conventos* (1961, 1974) e *Estigma* (1963, 1975) são lançados por editoras diferentes, com boa receptividade. *A Representação do Eu* e *Estigma* foram publicados em coleções dirigidas por antropólogos, Roberto DaMatta e Castro Faria, na editora Vozes, e por mim na Zahar. Nos anos 70, portanto, cresce progressivamente o interesse por Goffman, acompanhando de modo claro a aproximação entre antropólogos e a área *psi* (ver Duarte 2000). A análise do cotidiano e das relações interpessoais, em uma perspectiva sócio-antropológica, estimulou o desenvolvimento de trabalhos e investigações com uma preocupação interdisciplinar.

Em 1971, depois de ter concluído o meu mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Museu Nacional, fui, como *special student*, para o Departamento de Antropologia da Universidade do Texas, em Austin. Ali frequentei seis cursos, um dos quais ministrado pelo Dr. Ira Buchler sobre "Etnografia dos hospitais psiquiátricos e prisões". A minha dissertação de mestrado, posteriormente publicada, consistiu numa pesquisa sobre o bairro de Copacabana, na qual já lançara mão do livro *Estigma*, de Goffman (Velho 1973). Lera alguns outros textos dele. Mas foi neste curso no Texas que tive a oportunidade de aprofundar e ampliar o meu conhecimento não só sobre a sua obra mas, em termos gerais, sobre a tradição interacionista associada à *Escola de Chicago*, e descobrir, particularmente, Howard S. Becker, que se tornou uma referência funda-

mental para o meu trabalho posterior. O foco na problemática do *desvio* associada à *labelling theory* já tinha em Becker um dos seus principais expoentes, destacando-se o seu livro, hoje clássico, *Outsiders* (1963).

Ao voltar para o Brasil, em 1972, passei a lecionar no PPGAS do Museu Nacional, onde, entre outros empreendimentos, divulguei de modo mais sistemático a produção da tradição interacionista, com ênfase em Goffman e Becker. Em 1974, publiquei a coletânea *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*, com artigos meus e de alunos de um curso sobre essa temática, no qual os dois autores são centrais e recorrentes. Um dos meus textos era "Estigma e comportamento desviante em Copacabana", publicado primeiramente na revista *América Latina* e, mais tarde, traduzido na *Social Problems* (Velho 1978). Nele, busquei articular as perspectivas de Goffman e Becker em torno de parte do meu material de pesquisa que dera origem ao livro *A utopia urbana*. Na minha introdução a *Desvio e divergência*, procurei estabelecer relações complementares entre a abordagem interacionista e autores da antropologia social britânica, como Evans-Pritchard e Mary Douglas, especificamente através da temática das acusações.

Nessa época, embora Goffman já fosse razoavelmente conhecido no Brasil, o mesmo não se podia dizer de Becker. Há uma curiosa história na linha de uma reflexão sobre o acaso (ver Peirano 1995) que vale a pena relembrar. O próprio Becker viria a comentá-la (Becker 1998). Algum tempo depois da publicação de *Desvio e divergência*, conheci um membro do *staff* da Fundação Ford no Rio de Janeiro, Richard Krasno, numa reunião social. Ele tinha lido o livro, gostara muito, contou-me ser amigo pessoal de Becker e pediu-me um exemplar, para que lho enviasse. Assim foi feito, e estabeleceu-se uma ponte entre nós. Fiquei surpreso quando recebi, meses depois, uma carta de Becker com comentários e observações elogiosas a *Desvio e divergência*. Conhecia espanhol e dedicara-se a estudar português para ler o livro e, depois, para ler outros trabalhos que lhe enviei. Mais tarde, aliás, ele publicaria uma estimulante resenha em *Contemporary Sociology* sobre *Desvio e divergência* e sobre *Garotas de programa*, de Maria Dulce Gaspar (Becker 1986).

Foi, portanto, em 1976 que estabelecemos relações mais efetivas. No início do ano, recém-doutor, fui, como *visiting scholar*, para o Departamento de Sociologia da Northwestern University em Evanston, Illinois, onde Becker lecionava. Ali fiquei durante um mês e meio, gozando as delícias do inverno da área de Chicago, além de me

dedicar a conhecer mais a *Escola de Chicago*, particularmente os trabalhos de Everett Hughes e Herbert Blumer, antigos professores de Becker e Goffman. A partir desta estadia, fui-me aproximando e amadurecendo o meu conhecimento destes autores e da linhagem acadêmica a que pertenciam. Retomei as minhas leituras de G. Simmel, referência original da dita linhagem e autor-chave para todo o desenvolvimento do interacionismo, assim como de Thomas, Park, Mead, Wirth, etc. No segundo semestre de 1976, foi a vez de Becker vir ao Brasil como professor-visitante no Museu Nacional, consolidando o nosso intercâmbio individual e institucional. Deu um curso junto comigo e proferiu conferências no Museu Nacional, no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, nas Universidades de Brasília, São Paulo e Campinas. Conversou com professores e alunos e travou contato mais diversificado com a ciência social brasileira, devorando livros e artigos. A partir daí, até hoje mantém contato regular comigo e com outros colegas brasileiros. Veio ao Brasil mais duas vezes em 1978 e 1990. Recebeu alunos nossos que orientou em doutorado completo ou em "bolsa-sanduíche". Divulgou nos Estados Unidos trabalhos de autores brasileiros, como Antônio Candido de Mello e Souza, cuja obra lhe despertou grande interesse e admiração; chegou mesmo a traduzir Mello e Souza, publicando uma coletânea de textos seus (Becker 1998 e Candido 1995). Em 1992, publicou na revista *Sociological Theory* um simpósio com textos de autores brasileiros, no qual valorizava, com ênfase, a ciência social do nosso país.

Além dos trabalhos sobre desvio, outras vertentes da obra de Becker estimularam a sua interlocução com cientistas sociais brasileiros. Os seus textos sobre arte, fotografia, ocupações e trabalho de campo despertaram grande atenção. Tive oportunidade de apresentar duas coletâneas suas no Brasil — *Uma teoria da ação coletiva* e *Métodos de pesquisa em ciências sociais*, publicados respectivamente pela Zahar em 1977 e pela Hucitec em 1993.

A sua segunda visita foi em outubro de 1978, por ocasião do *I Simpósio Internacional de Psicanálise, Grupos e Instituições*, realizado no Copacabana Palace. Alguns meses antes, eu fora procurado por um dos organizadores do simpósio, Luís Fernando de Mello Campos, que eu já conhecia através do meu diálogo com a área *psi* e, especificamente, com Sérvulo Figueira (ver Duarte 2000). Convidava-me a participar e pediu-me que ajudasse na intermediação do convite para que Becker e Goffman viessem. O primeiro não só aceitou prontamente o nosso convite como foi intermediário junto a Goffman, de

quem fora colega como estudante no Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago e a quem tinha acesso direto. Os dois já eram, provavelmente, os sociólogos mais conhecidos de um grupo particularmente brilhante que incluía, entre outros, Anselm Strauss, Eliott Freidson, Tomatsu Shibutani e William Kornhanseur. Em 1978, Goffman estava no auge da sua carreira, com 56 anos. Becker, embora contemporâneo seu, era mais moço, nascido em 1928. Quatro anos depois, em 1982, Goffman viria a falecer. Portanto, a sua estadia de quatro ou cinco dias, em 1978, no Rio de Janeiro, foi a única ocasião em que esteve no Brasil. Estava no auge da fama e era conhecido por ser uma pessoa excêntrica, difícil e imprevisível. Provavelmente não teria vindo se não fosse o interesse que Becker lhe despertou sobre o Brasil e o Rio, assim como a certeza da companhia de um velho amigo e colega. O simpósio foi um grande evento, com a presença de várias estrelas. Além dos dois amigos, vieram Franco Basaglia, Robert Castel, Thomas Szasz e diversos psicanalistas de variadas orientações. Veio também Shere Hite, que recentemente publicara um livro feminista de denúncia que se tornara *best-seller* internacional: o *Relatório Hite*. Entre palestras, refeições e festas foram dias muito animados e curiosos. Goffman proferiu uma brilhante conferência, que interrompeu ao ser fotografado por uma estudante na platéia. Não tolerava ser fotografado sem previamente dar autorização para tal. Afirmou que se tratava de uma invasão de privacidade. Foi preciso a ajuda de Becker para que ele retomasse e levasse ao final a conferência que, juntando tudo, foi um enorme sucesso. Falou sobre *performances*, *frames*, teoria dos jogos e interação. Participou também comigo e com Becker de uma mesa-redonda que versou sobre psicanálise e ciências sociais. Becker, em sua segunda visita, já conhecia muitas pessoas e falava razoavelmente o português, impressionando muito o seu colega de Chicago. Em geral, Goffman foi cordial, embora confirmasse, como na conferência, uma imagem de pessoa um tanto excêntrica. Preocupava-se sempre em manter-se atualizado com a bolsa de Nova Iorque, através do sistema de comunicação do hotel. Declarou-se impressionado com o gestual dos brasileiros, que comparou com o dos italianos. Preocupava-se com etiqueta e "rituais de interação" para não cometer gafes e impropriedades. Implicou com Shere Hite, que despertava grande interesse nos meios de comunicação. A sua passagem foi rápida; ele saiu antes do final do simpósio, mas deixou uma forte impressão como intelectual e personagem. A relação entre ele e Becker era de proximidade, embora mantivessem estilos bem distintos. En-

quanto Goffman fazia, claramente, o gênero difícil e excêntrico, Becker era afável e acessível, embora às vezes se irritasse um pouco com as bizarrias do colega. Foi, sem dúvida, uma situação das mais interessantes sob o ponto de vista interdisciplinar, pois além dos profissionais da área *psi* participaram do simpósio, como expositores ou assistentes, vários cientistas sociais brasileiros, bem como estudantes.

A presença de Goffman e Becker valorizou a contribuição da ciência social norte-americana para a temática *indivíduo e sociedade*, através da *Escola de Chicago* e, especificamente, da linha interacionista. Ambos não viam como barreiras os limites acadêmicos entre sociologia e antropologia. Atravessavam-nos e consideravam-nos desnecessários ou até como fonte de mal-entendidos. Convém lembrar que na Universidade de Chicago, durante quase 40 anos, até 1929, havia um único departamento com antropólogos e sociólogos. Autores como Park, Thomas e Hughes lidaram com as bibliografias de sociedades tribais, tradicionais, bem como modernas, urbanas (ver Velho 1999). Becker e Goffman foram alunos de Lloyd Warner, antropólogo que estudou sociedades tribais e a moderna sociedade norte-americana (Warner, 1964 e 1968) e que, inclusive, orientou Goffman. Becker era mais ligado a Hughes, que realizara um estudo de comunidade no Canadá francês e se dedicava a pesquisas sobre ocupações e relações raciais. A par de diferenças de estilo e ênfase, todos valorizavam a pesquisa e o trabalho de campo. O contato e o diálogo com Hughes foram, reconhecidamente, muito importantes para a formação dos dois colegas.

Goffman realizou duas pesquisas básicas que informaram toda a sua carreira, nas ilhas Shetland e num hospital psiquiátrico. Becker trabalhou com estudantes de medicina, com usuários de drogas e com músicos de jazz, entre outros. Fizeram entrevistas e observação direta, além de pesquisas bibliográficas. Uma das últimas posições que Goffman ocupou foi a de professor de antropologia e sociologia na Universidade da Pensilvânia. A sua carreira foi mais curta, morrendo aos 60 anos. Becker continua ativo e produtivo aos 73 anos, embora já não lecione regularmente, coisa que fazia até há pouco tempo. Faz conferências e palestras, viajando freqüentemente para a França, onde os seus trabalhos, como os de Goffman e da *Escola de Chicago*, em geral, têm sido mais valorizados nos últimos 20 anos, depois de muito tempo de desconhecimento e relativa indiferença. Becker, tanto na Northwestern, onde trabalhou durante longo tempo, como na Universidade de Washington, em Seattle, recebeu, como já foi menciona-

do, alunos brasileiros e manteve intercâmbio permanente com o Brasil, por cartas, telefone e, nos últimos anos, *e-mail*. A sua última visita foi em 1990, quando demos juntos um curso de "Sociologia da arte" no Museu Nacional, no qual proferiu uma conferência memorável sobre a *Escola de Chicago* (Becker 1996). Deu entrevistas para as revistas *Ciência Hoje* e *Estudos Históricos*, falando da sua carreira, obra e dos seus mestres e colegas, explorando o seu modo de ver e fazer sociologia.

Becker e Goffman são hoje autores fundamentais dentro da antropologia que se faz no Brasil, particularmente nos trabalhos voltados para os estudos urbanos e para a temática ampla de *indivíduo e sociedade*. No entanto, são citados em trabalhos das mais variadas naturezas que, de algum modo, se aproximam ou dialogam com o interacionismo e, mais particularmente, que se referem à singularidade da contribuição de cada um deles. Em se tratando de trabalho de campo, as pesquisas de Becker com músicos do jazz e com usuários de maconha, e a de Goffman num hospital psiquiátrico, com as suas reflexões sobre instituições totais, são referências constantes. As observações de Becker sobre o trabalho do pesquisador, aspectos científicos e éticos, são citadas com grande freqüência. A discussão sobre *outsiders*, desvio e rotulação em Becker e o tema do estigma em Goffman são instrumentos estratégicos da literatura sobre desvio, divergência e acusações. Ambos são herdeiros de uma rica tradição. A idéia de uma ação coletiva (*doing things together*) é chave na obra de Becker, seja estudando desvio, seja estudando arte, retomando Park e Hughes, entre outros. A reflexão de Goffman sobre interação tem explícitas raízes em Simmel, Mead e Thomas. Deste, a noção de *definição de situação* constitui uma âncora para todo o desenvolvimento das idéias goffmanianas. Já ficou evidente que as diferenças entre os dois, em termos de interesses e estilos, só enriquecem as ciências sociais. Correndo o risco de ser esquemático, diria que Becker focaliza com insistência a construção e o desempenho propriamente dito da ação coletiva, através da interação entre indivíduos, enquanto que Goffman centra as suas preocupações no próprio processo de definição de situação e construção da própria interação. Assim, faz o que Isaac Joseph define como *micro-sociologia*, aqui sem nenhuma conotação pejorativa, antes como um dimensionamento da preocupação com as interações interpessoais, com as suas regras, negociações, desencontros, reformulações ou, em geral, com a análise de situações (Joseph 1998). Os rituais e estratégias de interação, nesta perspectiva,

são preciosos elementos para a compreensão de processos de construção social da realidade, nos termos de A. Schutz, autor com cuja obra Goffman dialogou, especialmente em *Frame Analysis* (1974). Na realidade, a sua relação com a fenomenologia já vinha desde o seu tempo de estudante, quando entrara em contato com a obra de Ichheiser (1949/50), juntamente com outros colegas seus. Estabelece, portanto, um estimulante diálogo entre o interacionismo e a fenomenologia, preocupação que também tem sido central para o meu trabalho e de ex-alunos e colegas que lidam com a problemática das sociedades complexas, há mais de 20 anos. Vale acentuar que Simmel, por sua vez, tem constituído uma influência determinante na antropologia urbana que fazemos, como já fora em Chicago desde o final do século XIX. Ao estabelecer pontes entre Simmel e Schutz, temos assim encontrado forte estímulo em algumas reflexões de Goffman que, de algum modo, também se prende com uma sociologia do conhecimento.

Becker, por sua vez, com o seu trabalho sobre arte, reforçou mais ainda o seu diálogo com antropólogos brasileiros que pesquisam a relação artística sob os mais diversos aspectos sociológicos e culturais, retomando questões clássicas de Simmel (1964, 1971 e 1988), inovando a temática e os métodos da sociologia da arte (Becker 1982).

Ambos os autores desenvolveram obras ricas, mudando ênfases, focos e preocupações ao longo das suas carreiras. Há fases de grande proximidade nas suas abordagens. Em outras, há distanciamentos em função de experiências particulares e preferências pessoais.

Goffman começou estudando química, trabalhou com cinema documentário e foi ser cientista social (ver Winkin 1988). Becker foi pianista profissional de jazz e, depois de hesitar, assumiu a sociologia como profissão (ver Becker 1977).

Os dois sempre foram heterodoxos nos seus gostos e opções, não se enquadrando em rígidos modelos acadêmicos e existenciais. As suas obras expressam essa riqueza de experiência e curiosidade intelectuais. As muitas frentes que abriram e perguntas que fizeram foram incorporadas em boa parte da ciência social brasileira, particularmente nos trabalhos dos antropólogos que lidam com a sociedade moderno-contemporânea. O estudo da própria sociedade, trilha percorrida por alguns dos pioneiros da *Escola de Chicago*, é retomado no Brasil com novas questões e outras configurações teóricas. O trabalho de campo e a pesquisa em geral têm, certamente, em Becker e Goffman poderosas inspirações.

Referências bibliográficas

Becker, Howard S. 1963. *Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance*. Nova Iorque: The Free Press.

Becker, Howard S. 1977. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 13-36.

Becker, Howard S. 1982. *Art Worlds*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press.

Becker, Howard S. 1986. Resenha de *Desvio e Divergência: Uma Crítica da Patologia Social*, e de *Garotas de Programa: Prostituição em Copacabana e Identidade Social*. In: Gilberto Velho (org.), *Contemporary Sociology*, 15 (3).

Becker, Howard S. 1986. *Doing Things Together*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press.

Becker, Howard S. 1990. "Uma entrevista com Howard S. Becker". *Estudos Históricos*, 3 (5), pp. 114-36.

Becker, Howard S. 1990. "A Escola de Chicago na visão de Howard S. Becker". *Ciência Hoje*, 12 (68), pp. 55-60.

Becker, Howard S. 1992. "Social theory in Brazil". *Sociological Theory*, 10 (1), pp. 1-5.

Becker, Howard S. 1993. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec.

Becker, Howard S. 1996. "A Escola de Chicago". *Mana: Estudos de Antropologia Social*, 2 (2). pp. 177-88.

Becker, Howard S. 1998. *Tricks of the Trade: How to Think About Your Research While You're Doing It*. Chicago: The University of Chicago Press.

Candido, Antônio . 1995. *On Literature and Society*. Princeton University Press.

Duarte, Luiz Fernando Dias (2000), "Dois regimes históricos das relações na antropologia com a psicanálise no Brasil: um estudo de regulação moral da pessoa". In: Paulo Amarante (org.). *Ensaios: Subjetividade, Saúde Mental, Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, pp. 107-39.

Foucault, Michel. 1961. *Histoire de la Folie*. Paris: Plon.

Gaspar, Maria Dulce . 1985. *Garotas de Programa: Prostituição em Copacabana e Identidade Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Goffman, Erving . 1959. *The Presentation of Self in Everyday Life*. Garden City, Nova Iorque: Anchor Books; (tradução brasileira: *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*, Petrópolis: Vozes, 1975).

Goffman, Erving . 1961. *Asylums: Essays on the Social Situation of Mental Patients and Other Inmates*. Doubleday; (tradução brasileira: *Manicômios, Prisões e Conventos*, São Paulo: Perspectiva, 1974).

Goffman, Erving. 1963. *Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity*. Englewood Cliffs N. J. : Prentice-Hall. (tradução brasileira: *Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*, Rio de Janeiro: Zahar, 1975).

Goffman, Erving . 1969. *Strategic Interaction*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Goffman, Erving. 1974. *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*. Nova Iorque: Harper Colophon Books.

Ichheiser, Gustav . 1949-1950. "Misunderstandings in human relations: a study in false social perception". *The American Journal of Sociology*, Chicago, Illinois: University of Chicago Press, LV, Julho 1949 / Maio 1950, pp. 1-69.

Joseph, Isaac. 1998. *Erving Goffman et la Microsociologie*. Paris: Presses Universitaires de France.

Mills, C. W. 1956. *The Power Elite*. Nova Iorque: Oxford University Press.

Peirano, Mariza G. S. 1995. *A Favor da Etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

Simmel, Georg .1964. *The Sociology of Georg Simmel.* In: Kurt H. Wolff (org.), Nova Iorque: The Free Press.
Simmel, Georg . 1971. *On Individuality and Social Forms.* In: Donald Levine (org.), Chicago: University of Chicago Press.
Simmel, Georg. 1988. *La Tragédie de La Culture.* Paris: Petite Bibliothèque Rivages.
Velho, Gilberto. 1971. "Estigma e comportamento desviante em Copacabana". *América Latina,* ano 14 (1/2), janeiro/junho.
Velho, Gilberto . 1973. *A Utopia Urbana: Um Estudo de Antropologia Social.* Rio de Janeiro: Zahar.
Velho, Gilberto (org.). 1974. *Desvio e Divergência: Uma Crítica da Patologia Social.* Rio de Janeiro: Zahar.
Velho, Gilberto . 1978. "Stigmatization and deviance in Copacabana". *Social Problems,* 25 (5).
Velho, Gilberto. 1999. "Apresentação: Anselm Strauss: indivíduo e vida social". In: Anselm L. Strauss, *Espelhos e Máscaras: a Busca de Identidade.* São Paulo: EDUSP, pp. 11-19.
Warner, W. Lloyd. 1937, 1964. *A Black Civilization: A Social Study of an Australian Tribe.* Nova Iorque: Harper & Row.
Warner, W. Lloyd e outros (série original publicada nos anos 1941, 1942, 1945, 1947, 1959, 1961, 1968). *Yankee City.* New Haven: Yale University Press.
Winkin, Yves (org.) . 1988. "Erving Goffman: portrait du sociologue en jeune homme". In: E. Goffman. *Les Moments et Leurs Hommes.* Paris: Seuil. pp. 13-92.

Notas

[1] A primeira data entre parênteses corresponde à publicação original, e a segunda à primeira edição em português.